



**Universidade Estadual da Paraíba
Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro
Centro de Ciências Humanas e Exatas
Curso de Licenciatura em Letras Português**

MARIA LEONÁRIA DA SILVA MELO

**NOS CAMPOS NOTURNOS DO DESEJO:
PROSTITUTAS E PROSTITUIÇÃO EM *LAPA*, DE LUÍS MARTINS**

MONTEIRO

2021

MARIA LEONÁRIA DA SILVA MELO

**NOS CAMPOS NOTURNOS DO DESEJO:
PROSTITUTAS E PROSTITUIÇÃO EM *LAPA*, DE LUÍS MARTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em língua portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

MONTEIRO

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528n Melo, Maria Leonaria da Silva.
Nos campos noturnos do desejo [manuscrito] : prostitutas e prostituição em Lapa, de Luis Martins / Maria Leonaria da Silva Melo. - 2021.
37 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Lapa (Romance) . 2. Prostituição feminina. 3. Mulher na literatura. I. Título

21. ed. CDD B869.3

MARIA LEONÁRIA DA SILVA MELO

**NOS CAMPOS NOTURNOS DO DESEJO:
PROSTITUTAS E PROSTITUIÇÃO EM LAPA, DE LUÍS MARTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Aprovada em: 01 /06 /2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Patrício de Albuquerque Vieira (IFRN)

Instituto Federal do Rio Grande Do Norte

Aos meus pais, Lurdinha e Leôncio, que me ensinaram que a vida não é fácil, mas que com persistência tudo se alcança. DEDICO.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me mantido na trilha. Ele que é o autor da minha vida, do meu destino, minha luz em meio à escuridão e desânimos.

Agradeço a meus pais Lourdinha e Leôncio pelo dom da vida, e por direta ou indiretamente, terem me apoiado durante minhas decisões, sobretudo as mais importantes. Por serem sempre a minha base e meu exemplo de persistência.

Sou grata ao meu Professor e Orientador Marcelo Medeiros, tanto pela confiança depositada em mim, como pela paciência durante todo processo de orientação. A ele também agradeço as palavras de motivação e as críticas construtivas que se fizeram necessárias. Não podendo esquecer de agradecer por ter abrangido meu leque no que diz respeito às leituras literárias.

Agradeço aos amigos que durante minha jornada acadêmica se fizeram presentes, e sem os quais essa jornada teria sido bem mais difícil. Em especial, cito os amigos André Marcos e Daniele Lima, amigades estas que já ultrapassaram os muros da Universidade. Também sou grata a Leonel, que tanto me incentivou no ingresso à vida acadêmica.

Sou grata a minha amiga Carla, pelos conselhos, desabafos, ombro amigo. Por ser sempre presente em minha vida, por tantas vezes ter tornado minha vida mais leve, mesmo em meio aos turbilhões durante todo o decorrer do curso.

Ao corpo docente da UEPB, em especial aos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, fosse por meio de debates e discussões em sala de aula, fosse por meio de conversas fora da mesma.

Agradeço a professora Simone Alves, por quem tenho sincera admiração e carinho, e ao professor Patrício de Albuquerque por terem participado da banca examinadora deste trabalho, bem como pelos apontamentos por eles feitos.

Agradeço aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento prestado quando se fizeram necessários.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha jornada, o meu mais sincero agradecimento.

Prostituir-se é ser de todos e de ninguém exclusivamente.

(Margareth Rago)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. LAPA: ESPAÇO DA BOEMIA E DO DESEJO	10
3. NAS VEREDAS DO CORPO E DA VIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM LAPA, DE LUÍS MARTINS	14
3.1. Lapa de Luís Martins: Amores e Dores da Noite.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	33

**NOS CAMPOS NOTURNOS DO DESEJO: PROSTITUTAS E PROSTITUIÇÃO
EM LAPA, DE LUÍS MARTINS**

**EN LOS CAMPOS NOCTURNOS DEL DESEO: PROSTITUTAS Y PROSTITUCIÓN
EN LAPA, DE LUÍS MARTINS**

Maria Leonária da Silva Melo¹

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação da prostituição feminina em *Lapa* (1936), de Luís Martins, e delinear o perfil de prostitutas que transitam pela diegese narrativa da referida obra, centrando-nos, mais especificamente nas personagens Lili, Odette, Lia, Giselle e Paulo. Para procedermos à análise de nosso *corpus*, apoiamo-nos nos trabalhos de Rago (2008), Soares (1992) e Ferro (1997), entre outros, que procuram compreender o lugar da prostituta, da prostituição e os discursos sobre elas no imaginário ocidental e, em especial, na sociedade brasileira. Dentre as conclusões às quais chegamos durante a análise deste trabalho, verificamos que as personagens se tornam transgressoras, por irem de encontro às regras morais ditadas dentro da sociedade moralista da época, o que interferiu diretamente na entrada das personagens-prostitutas no âmbito da prostituição. O estudo de tais personagens, a partir da obra de Luís Martins, revela que, ao contrário do que endossa o senso comum, a prostituição não é uma “vida fácil” e sem adversidades e nem sempre a única motivação para que a entrada nesse universo é a penúria.

Palavras-chave: *Lapa*. Prostituição Feminina. Gênero.

RESUMEN:

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la representación de la prostitución femenina en *Lapa* (1936), de Luís Martins, y propone trazar el perfil de las prostitutas que transitan por la diégesis narrativa de esa obra, específicamente basado en los personajes Lili, Odette, Lia, Giselle y Paulo. Para proceder al análisis de nuestro corpus, nos apoyamos en los trabajos de Rago (2008), Soares (1992) y Ferro (1997), entre otros, que buscan comprender el lugar de las prostitutas, la prostitución y los discursos sobre ellas en la Imaginación occidental, en particular, en la sociedad brasileña. Entre las conclusiones a lo que llegamos en el decurso de este trabajo, destacamos que los personajes se convirtieron en transgresores, pues iban en contra las reglas morales dictadas por la sociedad moralista de la época, que interferían directamente en el ingreso de los personajes-prostitutas al ámbito de la prostitución. El estudio de tales personajes, basado en la obra de Luís Martins, revela que, contrariamente a lo que avala el sentido común, la prostitución no es una "vida fácil" y sin adversidades, además no es, siempre, la miseria la única motivación para entrar en este universo.

Palabras-clave: *Lapa*. Prostitución femenina. Género.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pelo Centro de Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: leo13camalau@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A prostituição² é comumente caracterizada como o ato de manter relações sexuais, principalmente em troca de dinheiro ou mesmo em busca de outros interesses/bens materiais e/ou favores. É frequentemente associada às mulheres, apesar de haver muitos homens que também se utilizam da prostituição como ofício. Para Rago (2008, p. 23), “a prostituição é focalizada como resposta a uma situação de miséria econômica, quanto como transgressão a uma ordem moral acentuadamente rígida e castradora”. Entretanto, precisamos ponderar que, atualmente, a prática da prostituição não é exercida apenas por quem passa por situação financeira desfavorável e tem apenas o corpo como instrumento para sair da situação de miséria. Muitas mulheres e homens veem na prostituição um meio de satisfação sexual, independentemente do lucro financeiro que auferirá.

² A prostituição já foi tida como uma prática sagrada, onde as mulheres se prostituíam sobretudos em templos, em busca de obterem bênçãos divinas, como a fertilidade. Há relatos da prática até mesmo nos textos da Sagrada Escritura, a exemplo do livro de Baruc 6: 42-44.

Seja por necessidade, seja por gostar do ofício³, o ato de se prostituir, de “vender o corpo”, sempre esteve envolto em muito preconceito, mas também despertou o interesse e a curiosidade de muitos, inclusive de seus detratores. A prostituição e as prostitutas exerceram fascínio em muitos escritores que escreveram narrativas cujas protagonistas eram prostitutas que ficaram célebres⁴. Dentre as personagens cujas vidas estiveram marcadas pela prática da prostituição, podemos citar, a título de exemplificação: Lucíola, da obra homônima de José de Alencar (1862); Fernando Seixas, personagem que foi criado também por José de Alencar em *Senhora* (1875) e que, para muitos, pode causar estranheza ser enquadrado como um prostituto, Marcela, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis.

Muitos são, portanto, os trabalhos que têm procurado compreender como a literatura vem, ao longo do tempo, problematizado o lugar e o ofício das meretrizes. Tomando, portanto, a prostituição como objeto de representação literária, tais trabalhos procuram ampliar a discussão sobre o tema, inclusive revendo certos discursos que se cristalizaram acerca de tal ofício. Nesse processo, acreditamos que o estudo da obra de Luís Martins⁵ pode trazer algumas contribuições para pensarmos a prática do meretrício no Brasil no início do século XX, mais especificamente no Rio de Janeiro.

Nas palavras do referido romancista, a prostituição é:

[...] um assunto tabu, que as pessoas bem pensantes evitam abordar; e, assim, ela fica inteiramente ao arbítrio da polícia, cujas periódicas e brutais campanhas “moralizadoras” quase sempre têm o apoio da imprensa, temerosa de desgostar os sentimentos puritanos das famílias... E em virtude desse silêncio, dessa omissão, dessa cumplicidade, praticam-se as maiores violências, cometem-se os mais odiosos crimes contra as infelizes marginais de uma sociedade iníqua, que tudo faz para facilitar a queda das mulheres – depois as trituradas com a sua indiferença e a sua ferocidade. (MARTINS, 2015, p. 237-238).

³ A partir de 2002, no Brasil, a prostituição passou a ser oficialmente considerada uma profissão, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO). Profissionais do sexo passaram a ter seus direitos e deveres trabalhistas, porém ainda sujeitos a discriminação social, violência e morte. Mas, no século XX, a situação delas eram bem mais complicadas. Na prática, porém, essas mulheres não possuem garantias, correndo risco de violência e até mesmo morte.

⁴ Para um melhor conhecimento da presença de prostitutas em romances da literatura brasileira, conferir a tese de Patrício de Albuquerque Vieira (2016). Em sua tese, procura refletir sobre como é representada a prostituição feminina no universo literário, especificamente em romances brasileiros.

⁵ Luís Martins é lembrado por ter sido casado com a pintora Tarsila do Amaral, que era 21 anos mais velha e com quem conviveu por 18 anos. Em 1938, durante o governo de Getúlio Vargas, foi perseguido por considerarem o seu romance *Lapa* uma obra comunista. Passou a trabalhar no jornal de São Paulo de 1938 a 1982, quando faleceu. Seu trabalho como jornalista e como crítico foi de grande importância, sendo consagrado como romancista e cronista, tendo como principal obra *Lapa*, que retrata uma realidade marcada pela prostituição. Durante o aniversário de 450º do Rio de Janeiro, dentre as obras que retratam a cidade maravilhosa, foram publicadas, de Luís Martins, *Lapa* (1936) e *Noturnos da Lapa* (1964). Esta última recebeu o Prêmio Jabuti de 1964.

Falar sobre a prostituição⁶ naquela época do final da década de 20, e início da década de 30, era proibido. Mesmo aqueles que eram considerados como intelectuais evitavam falar sobre tal tema, o que acabava aumentando ainda mais a exclusão dessas mulheres, pois, se até os intelectuais da época não falavam das prostitutas, embora desfrutassem dos serviços por elas prestados, não era de estranhar se o restante da sociedade também se calasse. Os únicos a quem eram permitidos falar/escrever sobre a prostituição eram as classes policiais, mesmo assim, para os periódicos nos quais as prostitutas apareciam, eram representadas sempre como perigosas. Com relação à imprensa da época, utilizavam-se dos casos policiais que relatavam a prisão de prostitutas para denegrir e desmoralizar ainda mais a figura dessas mulheres. E é por meio dessa dificuldade em se falar da prostituição que se faz necessário estudarmos tal temática a partir da obra que têm a prostituição como foco.

Por isso, neste trabalho, vamos nos deter na análise do romance *Lapa*, que retrata a vida de malandros, prostitutas e frequentadores do que foi um dos grandes espaços da boemia carioca. Muitos consideram *Lapa* uma obra autobiográfica e argumentam que Luís Martins teria se valido de sua própria vivência na Lapa do Rio de Janeiro para dar vida aos espaços e personagens que permeiam a sua obra. Entretanto, o autor não comunga dessa opinião, já que, segundo ele mesmo, se considerava fora dos padrões dos jovens daquela época, como podemos observar no excerto a seguir:

O adolescente Luís, no entanto, ainda não era assim. Ou pelo menos ninguém podia prever que o garoto “tímido, sonhador e meio calado”, abraçado aos livros de Eça e Machado e às *Fleurs du mal*, de Baudelaire, fosse dar no rapaz “quase alocado, imprevidente, tagarela, que trocava os dias pelas noites”, tudo isso segundo ele próprio. (MARTINS, 2015, p. 22-23).

Considerando que tanto este autor como a sua obra encontram-se na penumbra da literatura brasileira, neste trabalho vamos nos deter na análise de *Lapa* a fim de compreender como a prostituição encontra-se representada e, ao mesmo tempo, delinear o perfil das prostitutas que circulam ao longo da diegese narrativa. Para tanto, tomaremos, como subsídio teórico, os estudos de Rago (2008), Soares (1992) e Ferro (1997), entre outros.

2. LAPA: ESPAÇO DA BOEMIA E DO DESEJO

⁶ Existem vários discursos a respeito da prostituição: religiosos, médico/sanitarista, psicanalítico, mercantilista, literário.

Lapa (1936) é um romance que retrata o bairro homônimo do Rio de Janeiro. O olhar de Luís Martins capta a Lapa noturna, dos bares, das prostitutas, da boemia, sendo que o romancista centra-se na apresentação da vida de várias prostitutas que desfilavam pelo ambiente. Para muitos, essa é uma realidade distorcida da Lapa real do Rio, como se o romancista tivesse a obrigatoriedade de ser fiel à realidade nua e crua, esquecendo-se de que ele estava fazendo ficção, tomando o local como inspiração. Questionado por Manuel Bandeira por não ter citado as célebres igrejas que são conhecidas na Lapa real, Luís Martins afirma que não eram apenas as igrejas que faltavam em seu romance, mas sim a própria Lapa com seus encantos e mistérios, porque o intuito do romancista não foi retratar a Lapa de modo fidedigno, sendo que todos já a conheciam, mas uma Lapa vazia, pouco movimentada, onde reinava a vida noturna.

A Lapa é retratada não apenas como um lugar onde, à noite, reina a prostituição, mas um lugar como outros tantos pontos turísticos a serem visitados durante o dia. Entretanto, a prostituição é o grande tema da obra. Por isso, o narrador se detém nas descrições da vida noturna do bairro, momento em que, sob a égide da lua, as pessoas tidas “de famílias” retornam aos seus lares, enquanto os valdevinos, em busca de bebidas e mulheres, passavam a circular pelo bairro lapiano para admirar e aproveitar as horas de prazeres noturnos, até o momento em que o sol nascesse novamente, e a vida pacata retornasse e desse à Lapa um ar mais familiar:

Mas a lapa não era só prostituição. Durante o dia era um bairro inocente, com um colégio de freiras (que tinha como aluna Carmem Miranda⁷), uma escola de música, um templo positivista, pequenos armazéns, farmácias, barbearias e pensões familiares – pensões mesmo, onde se serviam modestas refeições diurnas. À noite, no entanto, era a vez das *diableries*: os chopes, cabarés e cafés-cantantes se incendiavam, as orquestras dos restaurantes podiam ser ouvidas da rua, homens eram tragados pelas portas entreabertas das *pensões* e lâmpadas vermelhas acendiam no interior dos quartos. Boêmios e capadócijs zanzavam pelas calçadas, leões de chácara mantinham a ordem nos bares e táxis e bondes a cortavam madrugada afora. Os “alcaloides” (morfina, cocaína) eram fáceis de comprar. Por essa época, o lapiano Rui Ribeiro Couto, futuro embaixador, já perguntava numa crônica em seu livro *Cidade do Vício e da Graça*: “Não acreditas que a Lapa seja digna de certas cidades que a cólera só Senhor destruiu?” (MARTINS, 2015, p. 17).

Essa era a Lapa dos romancistas da década de 20 descrita pelo autor no início do romance e pintada como ambiente regado de luxúria, sedução, desejo e tragédia. É nesse ambiente que o personagem Paulo, um típico boêmio em plena juventude dos vinte anos,

⁷ A mesma conhecida nacional e internacionalmente como a “Pequena Notável”.

vagueia, normalmente sozinho, visitando bares, esbanjando o dinheiro que seria destinado a uma faculdade, mas que tende a ser gasto com bebidas e, por vezes, com mulheres. Paulo pode ser visto como um *flâneur* e não só como um simples transeunte em terras da Lapa:

observador, flâneur, filósofo, chamem-no como quiserem, mas, para caracterizar esse artista, certamente seremos levados a agraciá-lo com um epíteto que não poderíamos aplicar ao pintor das coisas eternas, ou pelo menos mais duradouras, coisas heroicas ou religiosas. Às vezes ele é um poeta; mais frequentemente aproxima-se do romancista ou do moralista; é o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno. (BAUDELAIRE, 1997 *apud* URBIM, 2011, 1081.).

Os *flâneurs*, no entanto, são mais que simples viajantes. Eles, além de observarem tudo e todos que estão a sua volta, passam a refletir tanto sobre o lugar como sobre cada pessoa que encontra por seu caminho. Para eles, cada pessoa com quem se encontram possui suas próprias histórias e mistérios que não são despercebidos em sua maioria das vezes pelos simples transeuntes. Os *flâneurs* são considerados poetas apaixonados, devido ao olhar único que possuem e que lançam para a cidade:

Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia. (BAUDELAIRE, 1997, *apud* URBIM 2011 p, 1081-1082).

Paulo, mesmo em meio a sua invisibilidade perante todos os que percorrem pela Lapa, possui o diferencial de que, ao contrário destes que estão apenas passando, ele permite-se, mesmo que inconscientemente, prender-se aos pequenos detalhes, como as mulheres que trabalhavam nas “pensões” que fingiam sorrir para agradar aos clientes. Paulo apenas observa, não julga, não critica essas atitudes, não aponta para essas mulheres, como fariam meros observadores. O olhar de Paulo é de contemplação da cidade e de sua geografia física e humana. Mesmo assim, não deixa de refletir e se perguntar o porquê dessas mulheres escolherem trabalhar nesses lugares, mas o faz sem recorrer a juízos de valor. Sendo observador da vida noturna e dos tipos que por ela vagueiam, Paulo gosta de se deter nas mulheres que trabalham nas pensões e cabarés da Lapa como prostitutas, espaços esses que, à noite, passavam a ser frequentados pelos homens que eram sugados pela luz vermelha que iluminava tais locais, pelas orquestras que nunca cessavam seu trabalho e, sobretudo, pelo próprio cheiro do sexo que impregnava todo o bairro:

Entre na “pensão” com mais dois amigos. Tinha decorrido uns anos depois

daquela primeira crise adolescente que, aliás, passara com rapidez logo nos primeiros dias de convivência com as prostitutas do *redes-vous*.

Entrei na “pensão”, devia ser meia-noite. Tínhamos vindo de um cabaré onde bebêramos cerveja. [...]

Sentamo-nos. A “pensão” era modelar. Quando um “freguês” entrava, embaixo, o porteiro apertava uma campainha elétrica. Em cima, na sala, dava o sinal.

As raparigas que estavam conversando ou bebericando só para passar tempo, nas mesas de indivíduos que evidentemente não “iriam” com elas, pediam licença, levantavam-se rapidamente e perfilavam-se numa série de cadeiras encostadas a uma das paredes, todas apresentando o sorriso profissional. O “freguês” chegava. Se escolhia alguma, as outras saíam de forma, voltando à posição primitiva. Se não escolhia nenhuma e só entrava para beber, a mesma coisa.

Aquela disciplina militar me fazia mal.

De instante e instante, a campainha tocava. De instante a instante, aquela manobra. (MARTINS, 2015, p. 47-48, grifos do autor).

Como observado acima, havia uma espécie de ritual durante a chegada de prováveis “fregueses”: ao adentrarem nas pensões à noite, momento em que as prostitutas trabalhavam, soava uma campainha, e as mulheres tomavam seus devidos lugares, se expondo. Ao entrar um potencial cliente, era escolhida uma das mulheres e as demais voltavam ao que estavam fazendo antes do soar da campainha. O mesmo ocorria caso entrassem apenas para beber. Esse ritual ocorria durante toda a noite, enquanto o estabelecimento estivesse em pleno funcionamento.

“De instante e instante, a campainha tocava. De instante a instante, aquela manobra.” (MARTINS, 2015, p. 48), demonstra uma alta rotatividade na pensão, o entra e sai de homens que estavam em busca de sexo rápido, enquanto as prostitutas se preparam para serem escolhidas, em troca de alguns trocados. Para Vieira (2016, p. 100), “O espaço aparece como lugar propício para a rotatividade do sexo e da realização de fantasias eróticas por aglomerar pessoas de classes desfavorecidas que não hesitam em vender sua carne independente da compensação a ser recebida.” No que diz respeito ao rodízio de sexo, bórdeis e pensões são as melhores representações dessa rotatividade, por reunirem homens de várias classes sociais que estão em busca de um único objetivo: sexo rápido e descompromissado, apenas para saciar os desejos carnis.

Por meio dessa clara exposição de mulheres em busca de “fregueses” que queiram comprar seus serviços, reforça-se a ideia inicial de que a prostituição era tida como uma prática de venda de corpos. Ferro (1997) analisa a:

[...] prostituição na literatura brasileira, considerando o comportamento da mulher que entrega seu corpo, seu patrimônio privado, diante de argumentos ingênuos, numa sociedade retificada, onde tudo se vende ou tudo se compra a preços arbitrários, num mercado corrupto e enganador (FERRO, 1997, p. 12).

Cada movimento era ensaiado, cada gesto sincronizado, e as mulheres se punham à exposição com um sorriso no rosto, por vezes, artificial. A campanha servia como um aviso para que a exposição acontecesse. Paulo repara nos detalhes que fazem da Lapa noturna oposta à monotonia da diurna, e para ele era esta Lapa, a noturna, que o seduzia. A fascinação era tanta, que Paulo frequentava o bairro, muitas vezes, apenas para espairecer à noite: “Era muito do meu hábito, em vez de ir beber ou dançar nos cabarés, ficar bebendo cerveja nas pensões, cujo ambiente me fascinava.” (MARTINS, 2015 p, 53). A Lapa lhe era tão agradável, que mesmo passando alguns anos longes, fora o primeiro local que visitara após seu retorno:

Não houve jeito de convencê-lo. Fui. E assim, passei dois anos fora do Rio. Afinal, o exílio acabou, das noites inúteis que a distância tinha cercado de um novo encanto.
E assim que cheguei, na mesma noite, depois do jantar, corri para a Lapa. Bairro triste e boêmio – Lapa dos meus amores – foste muito tempo o cenário melancólico da minha vida. (MARTINS, 2015 p, 115).

No romance de Luís Martins, o espaço adquire grande relevância dentro da obra, tanto que pode chegar a ser alçada, talvez, a categoria de protagonista essencial para o desenrolar do romance. Isso pode ser observado a princípio pelo próprio título da obra: “*Lapa*”, que não é apenas o espaço por onde circulam os personagens, ela é também a grande personagem do romance, o eixo que move a narrativa e a vida das personagens que a habitam. Para Borges Filho (2007, p. 34), o espaço é de grande importância para a construção de uma narrativa, pois:

pode-se afirmar que a armação do espaço na obra literária é igualmente importante para as ações da personagem e desempenha inúmeras funções dentro da narrativa. [...] Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão As atitudes da personagem, pois essas ações já foram indicadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade. (BORGES FILHO, 2007, p. 34).

Assim sendo, a disposição do espaço assim como quem nele ocupa está diretamente relacionado às ações que serão praticadas. O próprio autor-narrador de *Lapa* procura sempre destacar o local, descrevendo ao longo do romance cada espaço, relacionando-o às mudanças que ocorrem com os personagens presentes na obra e até mesmo com a prática da prostituição. Os próprios ambientes comerciais traziam consigo essa marca: enquanto houvesse o brilho do sol, eram tidos como ambientes familiares, mas a partir do pôr do sol e a lua surgir no céu, os mesmos ambientes passavam a ter agora um ar luxurioso, envolto

de um ar sensual, sendo assim, seus frequentadores agora não são mais as famílias tradicionais, mas sim, homens pertencentes a famílias ilustres e tradicionais que iam à busca de prazeres carnavais e de mulheres que tinham o corpo como objeto de trabalho:

Encontrei conhecidos que não via há tanto tempo. Homens casados. Gente séria, na bruta farra, rindo ruidosamente, abraçando as mulheres, entrando no samba mexido com nádegas, focando excitados, indo pagar o amorzinho lá em cima na cama apressada que nem se desmanchava esperando outro amor. As vitrolas sem parar.” (MARTINS, 2015, p. 121).

Ainda com relação à disposição do espaço, tomamos como exemplo o quarto de uma das jovens que trabalhavam nas pensões da Lapa:

[...] Era um quarto grande, com quatro janelas, no primeiro andar. Dava uma impressão confusa de conforto, com certa elegância de mau gosto. Uma cama turca macia, baixa, ampla; a um canto, um guarda-roupa moderno, atrás do qual ficava o bidê; um tapete amaciava os passos de tantos homens que passava por ali. Três abajures – um com lâmpada azul, outro com lâmpada verde, outro vermelha – faziam penumbras de diversas cores para o gosto vário dos clientes. Uma mesinha pequena de cabeceira, com telefone. Na parede, um tecido, com a reprodução do *Grito do Ipiranga*, de Pedro Américo, além de uma infinidade de artistas de cinemas e de vários nus em poses provocadoras. Uma penteadeira baixa, com uma bateria de vidros de água-de-colônia. Algumas almofadas, um cheiro esquisito, misturado, de perfumes e de espermas, um quarto bem característico de prostituta de 20 mil-réis, sem coisa nenhuma de notável ou de diferente. (MARTINS, 2015, p. 51, grifo do autor).

O quarto que pertencia a Lia naquela pensão, o primeiro descrito no romance, traz elementos propícios às relações sexuais, como a cama grande e macia, que demonstra uma preocupação ou mesmo maior liberdade de movimentos relacionados ao ato sexual; a luz vermelha do abajur que já é tida pelo senso comum como a cor do pecado e da sensualidade. Como sabemos, a cor vermelha⁸ presente na luz do abajur é uma clara referência aos bordéis, estando contida até mesmo em músicas que retratam a temática. Há ainda uma clara descrição do que seria o “cheiro de sexo”, muito característico em ambientes regado pela prostituição: “Algumas almofadas, um cheiro esquisito, misturado, de perfumes e de espermas [...]” (MARTINS, 2015, p. 51), sendo o esperma um elemento físico do que ocorrera no local. Além disso, há outros elementos que passam despercebidos, mas que contribuem para compor o cenário de luxúria e devassidão, como o bidê posicionado de forma mais oculta, para gerar certa privacidade para as mulheres realizarem sua higiene íntima antes e pós o coito, ou mesmo os vidros de colônias para manterem sempre perfumadas, ou mesmo para que o cheiro do sexo pago não

⁸ A título de curiosidade, existe um bairro de prostituição em Amsterdam nomeado de “Bairro da Luz Vermelha”.

permanecesse em sua pele.

3. NAS VEREDAS DO CORPO E DA VIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM LAPA, DE LUÍS MARTINS

Ao se falar da prostituição, a principal ideia que está enraizada em nossas mentes é a do ato sexual em troca de dinheiro, que é, em geral, envolta de tantos tabus. Porém, acabamos deixando de lado a história dessas mulheres que culturalmente são rotuladas como aquelas que “caíram na vida”, e, com isso, passam a ser tão julgadas por uma sociedade tida como (falso)moralista. Muitas dessas mulheres são atraídas para a prostituição movidas pela condição financeira escassa e veem a profissão como um meio de adquirirem uma renda de maneira rápida e fácil, o que, na realidade, é mera ilusão, pois as prostitutas se sujeitam diariamente a contrair doenças venéreas, além de todo tido de violência, e mesmo riscos de morte. Mesmo atuando em uma profissão que foi reconhecida apenas em 2002, as prostitutas não possuem seus direitos garantidos, sobretudo o direito à carteira assinada, ou mesmo garantia de segurança física, presente em demais profissões. De acordo com o Dicionário Crítico de Gênero (2019):

a prostituição estaria associada à pobreza e, na maioria das vezes não se configura como uma escolha profissional ou uma vocação, e sim, uma forma de comercialização do corpo pela falta de oportunidades, estando diretamente relacionada à desigualdade social no país e à questão do gênero. Os cafetões e todos aqueles ligados à administração do tráfico e o turismo sexual são os que realmente lucram com este comércio. (DICIONÁRIO CRÍTICO DE GÊNERO, 2019, p 619, *apud* CASSEMIRO et al., 2013, p. 2).

Tal afirmação nos faz refletir sobre essa relação que parece diretamente interligada: pobreza-prostituição, pois, apesar das baixas condições financeiras serem uma das principais motivações dessas mulheres se prostituírem, não é a única, do contrário não haveria mulheres de posses nesse âmbito devasso. Entrar na prostituição nem sempre foi impelido por necessidades econômicas. O universo da prostituição tem seu lado sedutor e de fascínio e muitos homens e mulheres que vivem nesse universo o fazem por vontade própria e não necessariamente por ausência de ter outras formas para o próprio sustento, o que gera uma distinção daquelas que se prostituem por escolha ou das que foram levadas devido à condições sociais. Assim como é ingênua a ideia da pobreza como prenúncio de prostituição, acreditar que tal ofício é garantia de dinheiro rápido e fácil é equivocado, pois o lucro a partir do próprio corpo é destinado às donas dos bordéis ou a cafetões, enquanto

muitas prostitutas mal conseguem se manter financeiramente estáveis. Ao contrário das acompanhantes de luxo que possuem contratos pré-estabelecidos, as prostitutas em si não possuem garantia segura do que receberão dos clientes. No decorrer da obra *Lapa* é evidente esse lucro exorbitante tido pelas donas das pensões, enquanto as mulheres que lá trabalham recebem valores que maldão para se manterem na “vida fácil”:

A casa em que Odette “fazia a vida”, no Mangue, era de uma francesa gorda, dona também de duas “pensões” na Lapa. Tinha oito mulheres lá, pagando uma diária de 15 mil-réis, sem comida. Oito vezes 15, 120 mil-réis por dia, quer dizer, 3 contos e 600 por mês. Menos o aluguel da casa, que era de 600 por mês. Valia, quando muito, 300, mas o proprietário pedia 600 por ser para o que era.

Portanto, o proprietário ganhava, sem fazer força, 600 mil-réis mensais; a “madama” ganhava, sem fazer força, três contos mensais; as raparigas arriscavam-se, infinitas vezes ao dia, a pegar terríveis doenças; se não pagavam pontualmente os 15 mil-réis da diária, rua, com descompostura por cima; eram presas às vezes. Quando iam para o hospital com cancro e blenorragias complicadas, nem a francesa nem o português lhe mandavam um tostão sequer, por conta dos 3 contos e dos 600 mil-réis ganhos à custa da sua desgraça.

Falei isso com Odette.

– Ih! Meu filho! – respondeu-me. – Essas velhas enriquecem à custa da gente. Eu conheço bem tudo isso, você sabe, porque já vivi em *rendez-vous*, em pensão, em tudo. Aqui ainda não é nada. Em geral, as donas de casas do Mangue são donas também de pensões na lapa. Mas lá é que o negócio é bom mesmo...” (MARTINS, 2015, p, 141-142, grifos do autor).

Como observado no enxerto acima, é irônico relacionar a profissão de prostitutas como sinônimo de riquezas extraordinárias, adquiridas de modo rápido e fácil. O que ocorre, na maioria dos casos, são as/os donas/os dos bordéis e demais casas de prostíbulos serem detentores de grandes lucros, advindo dos trabalhos das prostitutas, enquanto estas recebem apenas parte dos ordenados pagos pelos clientes. Vale ressaltar a existência de distinções entre os vários ambientes de prostituição, a exemplo dos *rendez-vous*, das pensões e das casas situadas nos Mangues, onde, no primeiro caso, são frequentados por pessoas de maiores poderes aquisitivos, além de que as próprias prostitutas que lá trabalhavam eram tidas como mais atraentes. Além do mais, os *rendez-vous* estavam situados nos grandes centros, o que garantia frequentadores da alta sociedade, conseqüentemente, os homens frequentadores desses recintos eram detentores de um maior poder aquisitivo, gerando, com isso, maiores preços por programa. Se por um lado nos *rendez-vous* havia grandes lucros, nos Mangues, esse valor cobrado costumava ser inferior, tanto devido ao lugar em que estava situado, nas margens da cidade, como pelas mulheres que lá trabalhavam, que, no geral, eram aquelas que já não possuíam tantos clientes, as tornando ainda menos procuradas e mais “baratas”.

Ainda sobre a definição do que venha a ser considerada a prática da prostituição,

recorrendo ao Dicionário Michaelis, lemos:

Prostituir: (pros-ti-tu-ir): 1 Levar à prostituição; corromper: [...] 2 Entregar-se à prática sexual em troca de remuneração; vender-se[...] 3 FIG Entregar(-se) a uma vida devassa ou libertina; degradar(-se), desonrar(-se) [...]4 FIG Envolver(-se) em algo vil ou imoral; aviltar-se, corromper(-se), degradar(-se): Às vezes, a luta pela sobrevivência prostitui alguns artistas. Em todas as profissões, há aqueles que se prostituem em troca de dinheiro e poder. 5 Corromper ou deixar-se corromper por suborno ou favores: Alguns advogados corruptos prostituem certos funcionários da justiça para conseguir rapidez na tramitação dos seus processos. Há políticos que se prostituem para se manter no poder. (MICHAELIS, 2015, n.p).

Ou seja, a prática sexual, que tem como intuito o recebimento de pagamentos (dinheiro ou favores) já é considerada como prostituição. Porém, a definição vai além, por considerar aqueles que mantêm uma vida de libertinagem também como praticantes da prostituição, o que pode, por muitos, ser tida como uma definição moralista. No decorrer do romance, notamos que a definição já enraizada é segundo a qual a prostituição é uma prática por meio da qual as mulheres se oferecem sexualmente em troca de pagamentos, ou seja, utilizando o modo popular de se falar “se vendem”. Vale ressaltar que muitas dessas mulheres se veem obrigadas a se prostituírem por terem sido desvirginadas antes do casamento, como veremos no decorrer deste trabalho, atitude que era inaceitável.

No que diz respeito à prostituição, Rago (2008) nos afirma que:

[...] os novos imaginários do corpo feminino que se instituíram acabaram sendo incorporados inclusive pela produção científica relativa ao tema. As figuras polarizadas da prostituta que emergem na documentação – de um lado, a meretriz vitimizada pelas condições econômicas adversas e por um destino implacável; de outro, a *femme fatale* que, embora não seja originalmente prostituta, é frequentemente associada a ela para designar a cortesã poderosa e cruel – correspondem a dois tipos de explicação que os estudos sobre a prostituição apresentam. (RAGO, 2008, p, 23, grifo do autor).

Embora tenhamos dito que nem sempre a entrada no mundo da prostituição dá-se em virtude de necessidades econômico-sociais, sabemos, no entanto, que, no geral, muitas as mulheres – já que estamos tratando da prostituição feminina e não masculina – se tornam vitimizadas devido a suas condições econômicas pouco favoráveis, aliadas a dificuldades de encontrar empregos que supram suas necessidades básicas, encontrando na prostituição oportunidades de mudar esse cenário de pobreza. No entanto, observamos que atribuir à pobreza como única motivação de mulheres se prostituírem é refutável, já que mulheres pobres não são as únicas a adentrarem na prostituição. Diante disso, observamos outra característica atribuída às prostitutas: a de mulheres dotadas de uma supersexualidade, mulheres sedutoras, que, para a sociedade, tais características não eram de mulheres dignas, de família.

No romance de Luís Martins, Paulo, um frequentador assíduo de lupanares, ou seja, um dos clientes mais presentes na obra, possui uma visão própria do que seja a prostituição, devido à vivência que teve nesse meio:

Por isso a prostituição é uma prática contra a natureza. A pluralidade, não amorosa, mas sexual, é um tributo do sexo masculino. O corpo da mulher que se entrega a vários homens, por dinheiro, é um corpo neutro, morto, incapaz de gozo. Estéril e esterilizante (MARTINS, 2015, p. 173).

A prostituição passa a ser vista pelo personagem Paulo como um ato que visa a saciar apenas os desejos masculinos, movidos por amores venais. Amores estes impulsionados pelos vícios carnis, que deverão ser saciados por mulheres que, segundo observado na fala do personagem, passam a ser desprovidas de sentimentos, e mesmo existentes, já não são importantes. Vulgarmente são vistas, a partir de então, como “mulheres objetos”. Tal objetificação da mulher como fonte de luxúria, devassidão e prazer sexual será compreendida no decorrer da análise. O personagem Paulo torna-se amigo/confidente das prostitutas descobrindo, assim, os segredos mais ocultos da vida delas, além das razões para terem escolhido tal ocupação, como escrutina o que acontece no meretrício. Para isso, o autor toma algumas personagens, cada qual com sua própria história, com seus próprios sonhos. Dentre as personagens-prostitutas analisadas temos: a típica prostituta de rua, Lili, que será retratada aqui como *femme fatale* e transgressora diante das regras sociais, Odette (que havia sido namorada de Paulo), Lia, Giselle e Lina, a quem Paulo conhece durante visita nas pensões.

A princípio, analisaremos a personagem Lili, que é retratada como uma *femme fatale* e primeira namorada do nosso personagem Paulo. Esse termo lhe é empregado, pois, mesmo com sua pouca idade, já se utilizava de seus dotes femininos, para seduzir os homens, aflorando-lhes seus desejos mais profundos, pois o bel-prazer que percorria seu corpo falava mais alto que manter uma postura puritana pregada pela sociedade, diante de uma jovem donzela⁹:

Tivera a primeira namorada-vampiro aos 16 anos. Antes, pequenos amores platônicos e prostitutas. E também uma negra empregadinha de nossa casa. [...] Imaginem que eu era um rapazola tímido, sonhador e melancólico, e qualquer mulher que trouxesse um pouco de amplidão nos olhos, pronto, já me lançava no engano: era ela a Esperada.

Ora, Lili – nome burro como um trocadilho, vejam – tinha 19 anos (mais três do que eu), uma ardente e impetuosa vontade de se desfazer da incômoda virgindade e, além de tudo, era minha vizinha. [...]

Eu namorava Lili com gestos e intenções dos cavalheirescos personagens dos

⁹ Jovem donzela está sendo utilizado aqui como sinônimo de jovem virgem.

romances que lia então. Era ridículo. Ela queria gozar, mas eu nem por nada podia perceber isso. (MARTINS, 2015, p. 42).

A personagem Lili não nos é apresentada como prostituta ao longo da obra, no entanto, por meio das suas atitudes sedutoras, de mulher que deixa se guiar por seus desejos carnais, vemos que ela foge às regras sociais ditadas na época. Se as moças deveriam manter uma compostura íntegra, evitando atitudes que não fossem tidas como próprias de uma jovem pudica e casta, Lili era o oposto do que era esperado pela sociedade, pois agia de acordo com seus próprios instintos e desejos, o que nos leva a caracterizá-la como uma *femme fatale*. Esta, de acordo com Rago (2008, p. 23) “[...] embora não seja originalmente prostituta, é frequentemente associada a ela para designar a cortesã poderosa e cruel – correspondem a dois tipos de explicação que os estudos sobre a prostituição apresentam.”. As *femme fatale* por vezes são consideradas erroneamente como sinônimos de prostitutas, por serem mulheres sedutoras e atraentes. Lili traz essa característica de mulher sedutora, atraente, o que diante da sociedade era visto como atitudes pecaminosas, e não aceitáveis, gerando preconceitos para todas que agem de maneira semelhante. Ainda de acordo com Rago (2008, p. 229), “a ‘mulher fatal’ irrompe na literatura como uma figura dotada de uma supersexualidade, noturna, má, bela, encarnando o primado do instinto sobre a razão.”, e com tais dotes, Lili faz aflorar os desejos primitivos de Paulo que ele mesmo tentava ignorar.

Se por um lado há diversas críticas as mulheres que fogem às regras sociais, a um incentivo exagerado com relação aos homens, a quem é destinada uma formação sexual desdeo início da juventude frequentando os cabarés, e a da mulher, que mesmo sendo mais velha, tem que preservar sua virgindade até o momento do casamento. Considerando o fato de que, para a sociedade, o único motivo positivo da existência dos prostíbulos, é manter a “inocência” de jovens, como a personagem Lili, como nos afirma Soares (1992):

[...] a prostituição, segundo os médicos, existiria desde as épocas mais remotas da história, com o objetivo de atender a uma necessidade orgânica do homem, a satisfação de seu instinto sexual. Desse modo, ela [a prostituição] teria um *papel reabilitador na sociedade* permitindo que o *homem pudesse descarregar a excitação causada pela necessidade imperiosa do prazer venéreo, sem provocar grandes problemas na organização social*. Se por um lado é a necessidade de atendimento do instinto sexual masculino que determina o surgimento da prostituição, por outro lado ela será causada e produzida pela aglomeração humana e pelo funcionamento do organismo social, sendo suas características bastante modificadas pelos costumes, pela educação, pelas leis e pelo clima existente em cada país. (SOARES, 1992, p. 19, grifos do autor).

No entanto, a personagem Lili contradizia esse pensamento de que apenas os

homens poderiam aproveitar-se dos prazeres carnisais, agindo de acordo com seus instintos, sem se preocupar com as questões sociais, pois ela mesma é quem se insinuava para os rapazes, que tinham receio de aceitarem as investidas, como o próprio personagem Paulo:

Iniciei-me no mistério tão simples dos beijos numa noite em que a beijei liricamente nas faces. Antes disso, só tinha beijado prostitutas de 5 mil-réis.

- Deixe-me beijar. Deixe...

Ela ia para dentro. Era no quintal, às nove horas da noite. Estava escuríssimo. Ela deixou. De repente, quando e menos esperava, á traição, virou-se e lascou-me um chupadíssimo beijo na boca. [...]

Lili arranjara um meio de dispensar os empregados. A casa estava completamente vazia. Sentada numa *chaise longue*, na varanda dos fundos, Lili conversava comigo. Puxava assuntos picantes e eu desviava a conversa, com a cândida besteira dos meus pobres 16 anos sentimentais. De repente, parou de conversar e recostou a cabeça para trás, fechando os olhos. Levantara a saia, deixando as coxas completamente nuas. Eu olhei. E tive uma impressão desagradável, garanto, Lili era para mim, a mais pura donzela, mais pura do que todas as heroínas reunidas de Macedo e de Alencar. Como podia ser aquilo? (MARTINS, 2015, p. 43, grifos do autor).

O simples fato de que a mulher possa tomar iniciativas no ato da conquista e sedução, atitudes tidas como masculinas, e não esconder “aquilo que deseja” e, mais do que isso, atirar-se para o objeto de desejo, assustava Paulo. Para ele, Lili era considerada uma mulher pura e intocável. Mas essa perspectiva muda a partir do momento em que Lili toma atitudes, que diante da sociedade não eram consideradas de uma mulher digna, mas acaba se entregando a seus próprios instintos carnisais:

[...]Suspendeu mais a saia, nas minhas barbas, ostensivamente. E perdeu completamente a compostura: „- Vamos lá dentro, vamos... – Lá dentro, onde? – No quarto do papai. Vamos. – Mas fazer o quê? – Ver a cama. Você vai ver que cama bonita. E é larga ,boa... Vamos ver. [...] – Você não compreende essas coisas. Você está sozinha em casa. Não fica bem. Você é muito inocente, não entende isso...” Lili fixou-me um olhar de intraduzível ironia. [...] A família dela nada de chegar. Despedimo-nos para o jantar. Comi com impaciência e, assim que acabei, pulei a cerca ansioso e corri para a *chaise longue*. Quase que Lili engoli a minha língua. (MARTINS, 2015, p 44)

Paulo, que cedeu aos impulsos de seu corpo, e esqueceu-se, ao menos por alguns breves momentos, das regras sociais que abominariam essa sua atitude contra uma donzela. Ele, como homem que deveria controlar seus desejos, acaba sendo proibido de se encontrar com sua amada, para que ela não sofresse as consequências desses atos imaturos e proibidos. O rapaz passa a ser proibido por sua própria família de se encontrar com a jovem amada. Lili, por sua vez, além de criticar Paulo por ser “certinho” demais se encontra bem com sua nova conquista masculina: um rapaz alto, e que talvez possa satisfazer seus desejos sem se importar com o que dita à sociedade:

[...] no dia seguinte, procurei Lili. Recebeu-me com um ar maravilhosamente sarcástico, que me abateu:

– Você não deve mais falar comigo. Seu papai não quer... Eu sou um bicho-papão, posso **comer o menino**...

– Mas Lili!...

Não houve jeito. Ela não queria mais saber de mim. [...] Duas semanas depois, num domingo, mamãe me chamou, para mostrar Lili passeando com um novo namorado. Era um rapagão alto e muito almofadinha. (MARTINS, 2015, p. 45, grifo nosso).

É nítido que o único interesse de Lili era o de desfrutar dos desejos carnavais, como pode ser observado quando ela usa a expressão “posso comer menino”, que simboliza de maneira chula o próprio ato sexual. Tal expressão é dita em nossa sociedade, pelo público masculino, e aqui há uma inversão de papéis já que é a mulher que iria “comer o menino”, colocando Paulo como submisso aos desejos de Lili. Nesse caso, ela quem o provocaria e o seduziria para que o ato ocorresse. No entanto, podemos caracterizar a personagem Lili como uma mulher transgressora de sua época, por ir de encontro às várias regras sociais relacionadas principalmente ao comportamento que as mulheres deveriam ou não manter. Como veremos adiante, outras personagens entraram na prostituição apenas por ter tido relações sexuais antes do casamento, o que já é considerado algo inaceitável perante a sociedade da época.

Para que haja a superação da desilusão amorosa sofrida por Paulo, seu pai lhe sugere que o filho frequente bordéis, e se relacione com as mulheres que lá trabalhavam. Nesse momento, a prostituição passa a ser vista como tentativa para Paulo se curar de uma desilusão amorosa, ou seja, a prostituição seria tida como um remédio para a cura de “mal de amor”:

Papai alarmou-se. Aquilo não podia continuar. Procurou um primo nosso, muito farrista, que vivia em pensões de mulheres e cabarés e pediu-lhe que me levasse comele para me distrair. Julgava tudo, talvez uma simples necessidade sexual, sem saberque desde os 14 anos eu frequentava meretrizes de 5 mil-réis.

Passei, então, com meu primo, a frequentar um *rendez-vous*, onde os meus pálidos e melancólicos 16 anos despertaram logo o desejo de algumas raparigas. (MARTINS 2015, p. 46, grifos do autor).

Diante da experiência com a primeira namorada vivenciada por Paulo, notamos que a vida sexual masculina é livre das regras sociais, ao contrário do que acontecia com a vida sexual das mulheres. O único cuidado que os homens deveriam ter era o de não se envolver sexualmente, ou mesmo evitar situações que culminasse em tal ato, com jovens donzelas. Por outro lado, lhes era permitido frequentar cabarés e similares, para saciarem seus desejoscarnais:

Daí surge, para os homens, a necessidade, a justificativa de procurar o prazer em outro lugar: amantes, prostitutas, mulheres sedutoras das casas de má fama, em plena expansão no século XIX, são encarregadas de remediar essa "miséria sexual". (PERROT, 2007 p, 65).

Para o público masculino, frequentar lugares de meretrício era tido como natural e até mesmo, indicado, para que se iniciassem sexualmente sem prejudicar a moralidade social e, assim, deixar em paz as moças de família. Para Rago (2008, p 197), “a prostituição preenchia ainda um papel ‘civilizador’ na sociedade porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes, ritos de passagem para sua abertura à alteridade.”.

Paulo não deixara de frequentar os cabarés, pelo contrário, passava a ir com mais frequência. No entanto, preferia apenas observar ao movimento, enquanto bebericava algo. E foi em um desses momentos que se deparou com Lia, que possuía uma história típica e banal história de jovens que acabam seguindo os caminhos da prostituição:

Lia tinha uma história que não era nem alegre e nem triste. Era assim mesmo. Uma história vulgar de prostituta. Musiquinha sentimental cantada por Tito Schipa na vitrola às três da madrugada. Tem lágrimas, tem drama, tem grotesco, tem poesia e tem beleza. Tem de tudo, coisas variadas e baratas, como numa loja de nada além de 2 mil-réis.

Tinha 19 anos. Contava-me que viera para o Rio com 17 anos apenas e as outras mulheres da pensão para onde fora aproveitavam-se da sua inexperiência. Davam-lhe até pancada. Sua vingança era chorar escondida, só, absolutamente só na vida, sem nem um refúgio ou um apoio.

Era ainda uma criança. Contava:

– Ih!... Eu chorava que você nem imagina! Depois peguei uma doença, porque umarapariga que não gostava de mim mandou eu ir com um homem que estava doente.

– Como foi que você se tratou?

– Foi um buraco. Nesse tempo eu já tinha juntado um pouco de dinheiro. Foi-se tudo e tive de começar a vida de novo.

Foi o José, o garçom, quem lhe aconselhou a não apanhar das mulheres sem reagir. Um dia, ela pegou uma briga com a Henriette, uma francesa de olhos grandes, e foi uma coisa tremenda. Lia arrumou com o feixe de chaves na cabeça da francesa e abriu-a. Foi à polícia, foi o diabo, mas daí por diante pegou uma fama de valente e as outras mulheres não se aproveitavam mais dela. (MARTINS, 2015, p. 55)

Lia, devido a sua inexperiência na profissão, passara por situações de abusos por parte das demais mulheres com as quais dividia a pensão. Ao se encontrar com Paulo, vê nele alguém com quem pode manter uma amizade, o que é comum nesse âmbito:

Lia sentou-se junto de mim. Era a mais bonita das raparigas da pensão, alta e magra, com uns belos olhos verdes e os dentes perfeitos. Meus amigos tinham subido com outras duas raparigas.

– Você quer ir comigo?

– Não.

– Por quê?

– Só se for para dormir.

– Pois então vamos dormir.

– Mas só dou 20 mil-réis. É só o que tenho.

Ela encarou-me sorrindo:

- Você pensa que eu preciso de esmolas?
- Então não quer?
- Não.
- Mas que é que você não quer: dormi ou o dinheiro?
- Não quero o dinheiro.
- Ahn!...
- Você sai e vem depois, quando for três horas. Agora é cedo. (MARTINS, 2015, p 50-51).

Devido à solidão por que essas mulheres passam, já que são procuradas apenas para cumprirem seus deveres como prostitutas, é comum que possuam “amigos”, afinal “nem sempre a companhia de prostitutas ou caftinas era procurada com fins sexuais” (RAGO, 2008, p. 208). Era com esses amigos que mantinham confidências ou mesmo um porto-seguro para quando precisassem desabafar sobre a vida. Na obra fica claro muitos homens recebiam uma forma de pagamento para que mantivessem essa amizade e companheirismo com as mulheres, após o período de trabalho delas, pois elas evitavam permanecerem sozinhas, porém Paulo fugia a essa regra, não recebendo nenhum pagamento para dormir com essas mulheres, o que demonstra que ele realmente se importava com as mariposas dissolutas pelas quais nutria algum carinho:

- Sabe de uma coisa? Lia falando comigo na cama. – A Madô me disse que você temcara de cafetão.
- Será?
- Fala com franqueza: você não é?
- Eu ficava severo, não admitindo insinuações. Mas, de vez em quando, Lia voltava ao assunto. Olhava-me às vezes longamente, como se estudasse a minha fisionomia. De repente: - Qual! Eu não acredito em você, com essa carinha, não leva mesmo dinheiro de mulher?
- Já disse a você que não quero isso!
- Olha, a Madô conhece bem essas coisas. Todo dinheiro que ela ganha manda pro amigo na França. Eu já tive um gigolô que levava dinheiro. Dava 50 mil-réis pra ele, por dia.
- Todas as francesas daqui tem *maquerea*? (MARTINS, 2015 p, 59, grifos do autor).

A solidão dessas mulheres era tanta que a grande maioria possuía alguns hábitos, como o de não deixar as luzes apagadas, mesmo ao estar com algum cliente:

- [...]– Por que você não apaga aquilo também?
- Dormi no escuro?!
- Seu rosto pálido ficou tomou uma expressão de terror. Vim depois a saber que é raríssima a mulher da vida que dorme sem luz nenhuma no quarto. (MARTINS, 2015, p. 53).

Não se sabe ao certo o motivo dessas mulheres sentirem receio por dormirem ou mesmo permanecerem em um ambiente em completa escuridão, mas elas o evitam fazer. Evitam também dormirem sós, por isso que procuram ter sempre alguém com quem

possam dormir. Nos momentos em que se torna inevitável dormirem sós, procuram companhias entre elas próprias, que, aliadas à carência, sobretudo uma ausência familiar, acarretam na homossexualidade: “Muitas vezes é esse medo de dormirem sós que domina todas as prostitutas, que as leva a homossexualismo¹⁰, quando ficam muito tempo sem amantes” (MARTINS, 2015, p, 54). A prática, além de ser um modo de suprir as carências e inseguranças sentimentais, torna-se uma espécie de rotina a ser preenchido por elas, para que só assim se tornem prostitutas: “Tinha apenas dois anos naquelavida e já possuía quase todos os vícios, até o homossexualismo. Fizera carreira rapidamente.” (MARTINS, 2015, p. 105).

Lia, no entanto, é apenas uma das jovens que Paulo encontra ao frequentar esses recintos. E é em uma das pensões da Lapa que se reencontra com Odette, que outrora fora sua namorada. Jovem que possuía atitudes semelhantes a Lili, Odette deixava-se guiar pelos seus desejos carnavais:

Tinha sido minha namorada. Essas coisas acontecem. Foi num carnaval. Odette era uma das raparigas doidas para liquidar a virgindade de qualquer maneira, atormentadas pela absurda abstinência sexual que a sociedade impõe às pobres moças solteiras. Eu estava sozinho em casa, pois minha família fora passar o carnaval fora do Rio. Odette, com mais duas amigas, foi me dar um trote. Deu nada. Abracei-a e arranquei logo a máscara. Foram todas para o meu quarto. Mandei buscar cerveja e fizemos uma farra. No fim, estávamos todos bêbados e Odette deitava-se por cima de mim, na minha cama, com as calças de homem descidas até os joelhos, mesmo na frente das outras, que cheiravam lança-perfume. Era uma prostituta por instinto. Eu tinha certeza de que ela cumpriria o seu destino. Sua mãe era pobre e não tinha pai – e desde muito cedo acostumara-se a pedir aos namorados as coisas de que precisava, em troca de pequenos favores, que só não iam à cópula.” (MARTINS, 2015, p, 75).

Prostituta por instinto parecia ser um prenúncio do destino da jovem Odette, que traz em sua história marcas das regras moralistas da sociedade, como por exemplo, não manter relações sexuais antes do casamento. Mas foi justamente o contrário disso que fez com que Odette adentrasse na vida de prostituta: fora desvirginada por um dos rapazes com quem teve um breve namoro, o que, por consequência, destruiu seu futuro promissor de formar uma família:

Um dia, um moço que, por acaso não era nem bacharel nem rapaz distinto, levou Odette a um quarto de hotel vagabundo e fez da demi-vierge¹¹ uma autêntica mulher. Por mais absurdo que pareça, isso foi um golpe seríssimo para a velha mãe

¹⁰ O termo *homossexualismo*, anteriormente muito utilizado ao se referir a gays e lésbicas, em textos teóricos e acadêmicos, passa a ser evitado devido ao sufixo *-ismo* ter sentido de doença, passando a ser utilizado o termo “homossexualidade”, ou mesmo “homoafetividade”.

¹¹ Do Francês: Meio Virgem. Atribuído a mulheres que possui certa liberdade, mas que ainda não se relacionaram sexualmente.

da rapariga, que pensava em lhe casá-la bem, apesar da vida de extrema liberdade que lhe dava. Tentou o casamento. Não houve meio. O rapaz negou a façanha, e a conduta de Odette era bem notoriamente irregular para que chegassem a lhe dar razão. Todos os ex-namorados souberam da coisa e todos possuíram o belo corpo moreno em quartos de hotéis baratos. Até eu. (MARTINS, 2015 p, 76-77).

A atitude de Odette de se deixar ser desvirginada ia de encontro com o que era pregado na sociedade da época, já que as jovens tinham como por obrigação se manter virgem até o momento do casamento:

A mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função na família e seu lugar na sociedade.
O sexo das mulheres deve ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. (PERROT, 2007, p. 64).

Por já não ser mais virgem e sem possibilidade de um casamento, a única solução que Odette vê é a de trabalhar em alguma “pensão”. E assim o fez. Foi parar em uma pensão de uma família respeitada, e lá dá início a sua vida de prostituta:

Depois, Odette começou a frequentar um discretíssimo *rendez-vous*. Era uma casa gozadíssima. Habitava-a uma família de aparência respeitável, como existem muitas no Rio, de várias nuances e de vários aspectos. A senhora era a dona e gerente do negócio. O marido era um cavalheiro magro e nervoso que só parecia para o jantar e não cumprimentava os fregueses da casa. Havia duas crianças pequenas e uma rapariguinha de seus 15 anos, filha da proprietária, virgem, que ia para a porta namorar liricamente, como qualquer pequena de família. À tarde era engraçado ver, na entrada, aquele parzinho romântico e ingênuo, de mãos dadas, ceder a passagem às moradoras ou frequentadoras do „negócio“, que, aliás, viviam em promiscuidade com todos. Se entrava um freguês, a dona da casa ia arrumar o quarto com a maior naturalidade desta vida, na vista mesmo dos filhos. (MARTINS, 2015, p, 77).

Apesar de parecer contraditório, era comum que pensões familiares e respeitadas se tornassem ambiente de fachada para a prática de prostituição, desde que o ato sexual entre prostituta e cliente fosse realizado de modo discreto.

Odette, ciente de que o casamento já não está mais em seus planos, pois dificilmente algum homem assumiria uma relação com uma mulher “da vida”, passa então a encarar o matrimônio como algo que se distancia de sua realidade atual. O casamento de mulheres prostitutas, para a sociedade, foge do modelo pregado do casamento ser aceito apenas quando realizado com mulheres tidas como “de família”, e não para quem usa o sexo como meio de trabalho. Odette torna-se, portanto, uma mulher sem ilusões:

- Você está contente com essa vida?
- Contente nada! Isso lá é vida!
- Arrependida, então?
- Arrependida de quê? Que é que eu podia fazer? Casar, quem é que ia casar

comigo?

– Mas você podia se ligar a um homem, como companheira. Casamento é besteira.
 – É... Foi o que fiz. Mas você sabe, a gente nunca é igual à mulher legítima mesmo. Assim que passaram os primeiros tempos, o amor esfriou, e depois...
 (MARTINS, 2015, p, 78).

Ao decorrer do romance, Odette tem um filho de algum de seus clientes, mas, como era de se esperar, ela cuida dele sozinho. Para as prostitutas, a maternidade era algo inaceitável, pois, essas mulheres possuem como objeto de trabalho o próprio corpo, sendo assim, a gravidez deixaria seus corpos deformados, conseqüentemente, deixando-as menos atraentes, além de a imagem da prostituta ser o oposto da imagem construída em torno da figura materna.

A primeira tem a sua sexualidade exposta e fomentada ao máximo enquanto a segunda é destituída de qualquer rasgo de sexualidade, sensualidade, erotismo. Porém de acordo com Peres (2020):

[...] apesar da condição de maternidade parecer incompatibilizar-se com a profissão de prostituta, a gravidez entre elas acontece com frequência. Além disso percebemos nesse grupo uma despreocupação com relação à contracepção, uma elevada incidência de abortamento, a não participação nas consultas de pré-natal e, depois do parto, a entrega dos filhos aos cuidados de outras pessoas. (PERES, 2020, p. 122).

Ou seja, por mais que se pense ao contrário, gravidezes entre prostitutas são recorrentes, ocorrendo, por vezes, devido à falta de uso de contraceptivos. Por elas trabalharem diariamente com o sexo, parece ser inevitável a ocorrência de gravidez. No entanto, raramente essas mulheres permanecem com essas crianças, deixando-as aos cuidados de outrem.

Odette passa a trabalhar nos Mangues, local de aspecto sujo e degradante, oposto da Lapa, passaporte para a decadência e, portanto, refúgio das mulheres que já não possuem tantos clientes, ou aquelas que outrora possuíam uma beleza estonteante e, devido ao passar dos anos de trabalho assíduo na noite, já não são mais tão belas. O filho, agora é cuidado por uma família de portugueses. Odette se tornara alcoólatra e solitária. O alcoolismo torna-se um meio de fuga da realidade vivenciada por Odette:

A cachaça tomou conta dela definitivamente, matou todas as possibilidades de humanidade.

Começou não indo mais saber do filho na casa dos portugueses. Sabia que a mulher ia reclamar o dinheiro atrasado, que era muito, e ela não tinha nem por sombras. O expediente mais simples era não aparecer. E bebeu para esquecer que tinha um filho. (MARTINS, 2015, p. 163).

O alcoolismo surge como vã tentativa de suprir não só solidão que muitas

prostitutas enfrentam, mais também como um modo de fugir da realidade difícil que encaram. No caso de Odette, o álcool servia para que se esquecesse das intempéries que sugiram em sua vida. Conseqüentemente, torna-se displicente tanto com as dívidas que adquirira, tanto nos bordéis como para outras prostitutas, que a prendia ainda mais à vida de prostituição, como para o próprio filho, o qual já era cuidado por terceiros.

Outra personagem que possui início na vida de prostituta semelhante ao de Odette é Lina, que também foi desvirginada antes do casamento. Paulo a conhecera por meio de Armando, que também frequentava a pensão onde Odette trabalhava. Lina tinha Armando por pretendente e este sempre nutria sentimentos pela jovem:

Foi visitando Odette, no tal *rendez-vous* gozadíssimo, que eu conheci Armando Nunes.

Era empregado numa casa de comércio. Rapaz inteligente, instruído, simpático, tornou-se em breve meu camarada.

Gostava de Lina, uma das moradoras da casa, e ia frequentemente visita-la.

A história de Lina não era interessante. Trabalhara no comércio também, numa casa de modas. Um namorado a desvirginara. Foram ver, o rapaz era casado. Uma denúncia anônima levou ao conhecimento da direção da casa comercial a “situação irregular” de Lina e, “em nome dos bons princípios da moral”, a casa a despedira sumariamente, para que “o seu mau exemplo não infestasse o são ambiente de uma loja respeitável.”

Ficando na mão de uma hora para outra, sem possibilidades de realizar o sonhinho casamenteiro de toda mocinha que se preza, Lina resvalara na prostituição. Armando a conhecera no tempo da loja comercial e tinha por ela uma grande ternura.(MARTINS, 2015, p, 79-80, grifos do autor).

Ao contrário de Odette, que havia se desiludido quanto ao casamento, Lina tinha um pretendente: Armando. Apesar de saber que seria muito julgado por sua decisão, e mesmo perdendo o emprego, Armando não se deixa amedrontar pelas regras sociais, o que faz dele uma rara excessão:

Vou tirá-la dessa vida. Caso-me mesmo, que tem? Dou uma banana para esse negócio de conveniências. Gosto dela, pouco me importa que não seja virgem... Podia apenas me amigar, mas quero que ela tenha uma situação igual às outras. Mas o essencial é tirá-la dessa vida.

Armando Nunes fazia planos, como todo noivo. (MARTINS, 2015, p, 87).

A atitude de Armando nos faz refletir sobre o mito do casamento que resgata as jovens prostitutas desse âmbito de perdição. O casamento passa a ser visto como um meio de reparação de muitas mulheres, como percebemos de forma corriqueira mesmo na atualidade, onde muitas mulheres se casam apenas para reparar o erro de terem se relacionado sexualmente antes do enlace matrimonial. Por vezes, as próprias prostitutas veem no matrimônio o único meio de saírem do meretrício:

Dentre as opções para deixar a prostituição, o casamento é, se não a mais importante, mais uma das alternativas. O matrimônio parece garantir uma saída “digna”, já que elas deixam de vez a imagem de mulher de vida fácil, promíscua e transgressora e passam à condição de mulheres respeitáveis, dignas e virtuosas. O casamento é o laço que as redime frente à sociedade, pois, com o matrimônio, a mulher (sendo ela prostituta ou não) passa a ocupar outra posição, a de esposa, e, por consequência, tudo o que a formação discursiva impõe, espera e traz como injunção. (FERRAÇA, 2015, p. 09).

Tal pensamento romantizado do casamento como salvação de prostitutas está enraizado diante do que é pregado na própria sociedade, de que as mulheres precisam do enlace matrimonial para terem um marido provedor, uma casa para cuidar e filhos para educar. Só assim a mulher sentir-se-á completa.

Durante a preparação para o casamento, Armando encontra diversas dificuldades, que seriam inexistentes caso a noiva fosse uma jovem virgem ou ao menos não fosse uma prostituta. Para a sociedade, casar-se com uma meretriz o tornaria incapaz de trabalhar, já que se entendia que o homem se tornaria imoral, conseqüentemente, um péssimo exemplo para outros homens:

O casamento de Armando já estava definitivamente marcado. Lina deixara o *dancing*.

Uma tarde, o patrão do rapaz chamou-o em seu escritório. Precisava falar-lhe de um assunto muito importante.

–Seu Nunes – foi logo lhe dizendo –, o senhor sabe, nós, do comércio, temos de velar pelas tradições de honorabilidade das classes conservadoras. Eu tenho de olhar pela vida íntima dos meus auxiliares, como se fossem meus filhos...

Fez um bruto discurso, cheio de rodeios, para chegar afinal a fazer ver a Armando que ele não olharia com simpatia a sua ligação com uma mulher de cabaré. A casa possuía uma polícia secreta para investigar a vida particular de seus auxiliares.

Armando Nunes respondeu com absoluta firmeza que, de fato, achava-se disposto a se casar com uma bailarina, fazendo ver delicadamente que aquilo era um negócio que só a ele dizia respeito.

O negociante encerrou a conferência secamente, muito mal-humorado, e, daí por diante, deu para perseguir Armando Nunes. Começou mandando-o fazer uma viagem de inspeção às firmas agentes nos estados. Reduziu seu ordenado, alegando necessidades de economia. E, por fim, acabou despedindo-o do emprego. pretextos nunca faltam. (MARTINS, 2015, p, 105-106, grifos do autor).

No entanto, tal atitude vai de encontro ao que a própria sociedade prega de que “O casamento por amor é, por conseguinte, a única opção honrosa para uma mulher, seu abrigo seguro.” (PERROT, 2007, p, 47), porém, ao se tratar de mulheres prostitutas, se unir em matrimônio soa como inaceitável. Lina retoma sua vida de prostituta com quem homem algum pode contrair núpcias. Armando se torna um homem revoltado com a sociedade, pois esta o julga, mesmo que a decisão do casamento seja algo pessoal. No entanto, sabemos que o casamento, direta, passa pela avaliação social.

Dentre as demais personagens com quem Paulo constrói algum tipo de amizade na

Lapa, uma foge à regra: Giselle. Esta possui influência direta da mãe francesa, que faz a vida com a prostituição:

A Giselle foi a mãe dela que trouxe pro Brasil. A mãe também trepa. Giselle era a mais sentimental das francesas eu já vi. Eu tinha a impressão de que gostava de mim. Afinal, aquelas pobres mulheres eram seres humanos, capazes de amor, um amor que não representava nada para mim, mas era tudo que elas podiam dar. Uma vez, ela apertou a minha mão com força, na escada, com o jeito bobo de uma *jeune fille* em seu primeiro amor. Mas eu era amante de Lia e uma prostituta que se preza não vi com o “homem” da outra. (MARTINS, 2015, p. 59-60, grifos do autor).

A vinda de estrangeiras para o mercado da prostituição era bem comum durante o século XIX. Dentre as nacionalidades destas mulheres, estavam as europeias. A princípio eram trazidas para trabalharem no comércio local e até mesmo como domésticas, no entanto, de acordo com Soares (1992, p. 50), “a partir dos anos 1960, começaram a chegar as prostitutas francesas, polonesas, austro-húngaras, alemãs, russas, albanesas, etc., e a importação destas mulheres fez ‘surtar quase inteiramente a corrente de ilhoas’ e portuguesas continentais.”. No caso da Lapa, boa partes das pensões destinadas a lupanares e devassidão eram gerenciadas por mulheres estrangeiras, que outrora também já foram prostitutas. Vale ressaltar que não se trata de uma regra geral prostitutas virem a se tornar donas de bordéis, pois, como já observado, a maior parte das prostitutas não consegue se estabelecer financeiramente.

Após dois anos desse primeiro encontro com Giselle, Paulo a encontra diferente, e não mais a jovem bela e romântica do passado. Envelhecera, engordara, já não mais trabalhava nas pensões da Lapa, mais sim nos Manguês, onde se encontrava o baixo meretrício e lá de prostituta se torna cafetina:

Giselle quis que eu me sentasse para tomar qualquer coisa. Pedi cerveja, ela, um guaraná e, enquanto bebíamos, começou a me mostrar as raparigas. Não fazia mais avida. Ganhara muito dinheiro no Manguê e comprara aquela casa de sociedade com a Ginette. Agora, estava ali honestamente, dirigindo o negócio. Havia boas raparigas, eu podia ir com qualquer uma em susto, porque nenhuma tinha doença não, era garantido. Depois, eram francamente do amor. Faziam tudo. (MARTINS, 2015, p.118).

De todas as personagens prostitutas do romance, Giselle foi a única que realmente prosperou com a vida no meretrício. Muito provavelmente por ser francesa¹² e não possuir uma história de vida trágica como as demais, que se viram obrigadas a entrar na prostituição apenas por terem relações sexuais antes do casamento:

¹² Ressaltamos que ser francesa não as torna predestinadas a serem prostitutas, o que existe é uma fetichização dessas mulheres estrangeiras. Há diversos outros romances que trazem as mulheres francesas como personagem prostitutas.

De fato, ao contrário da meretriz de rua, em geral uma antiga escrava estigmatizada como vítima do destino e da pobreza, a “francesa” era uma figura associada à modernidade. Aos olhos provincianos dos boêmios criados por Hilário Tácito, ela oferece um novo perfil da prostituta, sendo idealizada não só por seu mítico poder de sedução, mas igualmente por seu domínio das regras do comportamento civilizado. (MORAES, 2014, p 175).

Temos a ideia de quaisquer produtos que seja advindo da Europa seja melhor. As francesas, além de estrangeiras, traziam um ar de modernidade, como demais produtos europeus, sobretudo, franceses. Há ainda o mito de que mulheres francesas são sedutoras natas, fazendo aguçar curiosidade em se relacionar sexualmente com elas. Outro detalhe é que Giselle é filha de uma prostituta, ou seja, já vinha de um ambiente propício à prostituição, fato este que interfere no rumo tomado pela jovem.

Em linhas gerais, a ideia que se é apresenta no decorrer deste trabalho é da prostituta transgressora, diante das regras morais impostas na época, o que deixa de lado as ideias enraizadas da pobreza como motivação principal para as mulheres se prostituírem. Devemos ainda levar em consideração a máxima de que a prostituição existe e perdura por existirem clientes que vão à busca de prazeres venais, do contrário tal prática já não mais existiria, ou seria rara.

3.1. LAPA DE LUÍS MARTINS: AMORES E DORES DA NOITE

Como pudemos observar no decorrer deste trabalho, é irônico falar da prostituição como sinônimo de vida fácil. Cada personagem carrega consigo suas marcas e motivos que acarretaram em uma vida de prostituição. No geral, o que acarreta a entrada dessas meninas na prostituição são os códigos comportamentais e morais de uma sociedade assentada em moralismo e repressões que atuam como mecanismos de controle e punição contra aqueles que transgridem tais códigos, como se ao atuar pedagogicamente dizendo que não há possibilidade de vida e de felicidade para além do universo circunscrito por tais códigos.

Durante o tempo em que permaneceram nas pensões de prostituição da Lapa, algumas prostitutas, como a Odette e a Lia, sofreram abusos, violências físicas, explorações, doenças, passaram por gravidez indesejada, tentaram inserir-se, sem sucesso, na ordem do discurso moral de recato e pudor a partir do sonho de redenção via casamento.

As violências, por exemplo, se iniciavam dentro mesmo das próprias pensões e podiam partir de outras mulheres que já trabalhavam lá, pois se sentiam ameaçadas pelas

novas meninas que poderiam vir a roubar antigos clientes. Havia também as violências vindas dos próprios clientes que se viam no direito de fazerem o que bem quisessem com as prostitutas, inclusive chegar à violência física: “Um marinheiro deu uma navalhada no rosto de Odette, que ficou uma semana sem ‘trabalhar’. Voltou para a rótula sombria e feroz.” (MARTINS, 2015 p. 163). Para Rago (2008)

Se o mundo da prostituição pode ser focalizada como lugar de manifestação do desejo, onde o bordel figura como um “condutor de intensidade” (Guattari), não há como esquecer que a violência é uma dimensão constitutiva das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre caftinas e meretrizes e entre as próprias prostitutas. Uma ambígua rede de solidariedades e pequenas rivalidades, competições e manifestações de amizade, marcam, assim, a subcultura da prostituição. (RAGO, 2008, p. 259).

É recorrente essa violência entre as prostitutas, sejam por parte dos fregueses ou mesmo pelas companheiras de trabalho, devido à competitividade existente no âmbito dos prostíbulos e afins. Essa violência gratuita com as profissionais do sexo se dá por muitos fregueses acreditarem que poderiam fazer o que bem entendessem. Diante dessas situações, cada personagem tem seu próprio desfecho. O que é mais comum entre todas é a saída das pensões direto para os Mangues, onde as condições eram bem mais deploráveis, já que o lugar por si só já era as margens sociais, aumentando ainda mais o descaso para com essas profissionais:

O tempo correu. Eu andava sem mulher e, certa tarde, com um bruto desejo sexual e muito pouco dinheiro, fui ao Mangue, onde as blenorragias custam só 5 mil-réis. Passeava muito bem pelas ruas entupidas de macho, sem saber que mulher escolhesse, quando, numa rótula, que, vi eu? Pois Giselle, a francesinha sentimental da pensão. (MARTINS, 2015, p. 60).

Nos Mangues, as prostitutas estão ainda mais à margem da sociedade porque, escoraçadas da vida social, configuram-se em párias, escórias e estão susceptíveis a toda sorte de malefícios. Para Paulo, no entanto, o Mangue é, ironicamente, uma espécie de ponto turístico, devido à quantidade de mulheres ali presente, que estariam à disposição para aqueles que estariam à procura de sexo venal. Em outras palavras, no Mangue prevalece a devassidão, a agitação noturna, regada pelo sexo brutal, sem sentimentos, apenas prazeres unilaterais:

O Mangue! Quando chega ao Rio um artista estrangeiro ilustre, os jornalistas mostram o Mangue pra ele e explicam:
– É a nossa Mouraria...
Não sei por que, francamente, a prefeitura não subvencionou as meretrizes com um averba de turismo. Mas, na verdade, o Mangue é doloroso e bem triste de a gente olhar o movimento febril daquelas ruas.

Suas noites são agitadas. As pobres mulheres pintadíssimas, nas rótulas, movimentam a ronda infatigável dos homens nas calçadas. Muitos homens. Os desejos acesos nos olhos dos marinheiros, malandros, valentes, estudantes, doutores, empregados no comércio, fuzileiros navais, caixeiros, soldados, funcionários públicos, homens, homens, homens. Homens que andam sem parar pela vasta feira livre da volúpia barata.” (MARTINS, 2015, p. 129).

Nesse âmbito da prostituição é comum a ocorrência de gravidezes, que se desenrola de maneira desagradável e desumana, sem os cuidados próprios desse período gestacional. Abortos e doações das crianças geradas nesse ambiente de prostituição para outrem se torna uma espécie de predestinação, para que suas matriarcas-meretrizes consigam continuar trabalhando, sem que haja preocupações com crianças. Aquelas que decidem prosseguir com a gestação, acabam com seus corpos deformados, sucumbem às forças do próprio meio como se, uma vez na prostituição, fora dela não se pode mais viver, ainda que a vida vivida seja deplorável:

Vi, por exemplo, uma tarde no Mangue, uma mulher grávida. Era horrível! O ventre crescia, balão bojudo, sobre as pernas magras. Crescia espantosamente, por demais, com uma fúria de deformação que doía ver. A magreza da coitada escorria dos olhos em dois sulcos profundos que acabavam na boca amarga. Aquele ventre era impossível. Na certa, ia dar um estouro de repente, levando pelos ares aquela miserável torpeza, torpeza sim, porque uma barriga daquelas não era coisa que se usasse! Dava dores de parto na gente olhar aquilo. Era triste. Era ódio. A mulher tinha uma raiva concentrada no rosto, amarga revolta pela fatalidade que a privava do seu ganha-pão. Seu corpo perambulava inútil, pelas ruas obscenas, balançando o feto pra cá e pra lá, num ritmo longo e doloroso. (MARTINS, 2015, p, 110).

É notável que essa gravidez não foi desejável e que é inexistente o amor maternal que muitos atribuem como sendo algo nato de toda mulher. Ocorre, no entanto, o oposto. O carinho que deveria existir dá lugar à tristeza e ao ódio. Odette fora uma destas mulheres que acabaram seguindo esta sina: engravidara. O que fez com que diminuísse a frequência com que seus clientes a procuravam, conseqüentemente aumentando suas dificuldades financeiras:

Saí à procura de antigas casas. De Odette ninguém sabia mais. Só que tivera uma filho, havia coisa de um ano antes, e logo depois deixara a pensão. Estava muito acabada, me diziam. Com a gravidez, ficara um estepe, não botava homem pra dentro e, no fim, já dormia de favor num quarto dos fundos. Fora para a maternidade e, de volta, ficara apenas uns dias. Devia andar pelo Mangue. (MARTINS, 2015, p. 119).

Não só gravidez acomete as prostitutas, já que nesses ambientes, regado pelo sexo

desprotegido, não é raro as prostitutas serem acometidas pelas DST's (Doenças Sexualmente transmissíveis), devido à falta de conhecimento nesse meio tanto sobre as doenças tanto o meio de se protegerem. Outras se veem obrigadas a terem relações com fregueses doentes. É o que acontece com uma das personagens que é acometida por uma dessas enfermidades venéreas, ao se relacionar com um cliente que já estava doente, e outras prostitutas experientes já sabiam desse detalhe, mas, para prejudicarem a jovem, devido à própria disputa existente entre elas, fizeram com que ela se relacionasse com esse homem:

- Ih!... Eu chorava que você nem imagina! Depois peguei uma doença, porque umarapariga que não gostava de mim mandou eu ir com um homem que estava doente.
- Como foi que você se tratou?
- Foi um buraco. Nesse tempo eu já tinha juntado um pouco de dinheiro. Foi-se tudo e tive de começar a vida de novo. (MARTINS, 2015, p. 55).

O serviço público de saúde é que se torna responsável para manter o controle de saúde desses ambientes, não pelas mulheres que lá trabalham, mas para que a sociedade não seja afetada, já que muito dos homens que frequentam esses aloucos eram casados, ou jovens que futuramente viriam a se relacionar com as jovens de família. Tanto que, de acordo com Rago (2008), na década de 20 houve campanhas de conscientização dirigidas aos jovens, com relação ao contágio de sífilis, advindo do contato com meretrizes. Quando acometidas com algumas dessas doenças, as prostitutas se viam abandonadas, pois mesmo as donas dos meretricios não as apoiavam, deixando-as à mercê da própria sorte.

Além das doenças infectocontagiosas, muitas eram acometidas por problemas emocionais, que culminavam em suicídio. Odette é uma dessas mulheres que, após alguns anos de trabalho árduo nos prostíbulos tanto da Lapa quanto dos Mangues, abandona o filho que tivera e se entrega ao alcoolismo. Seu fim, que, infelizmente não é um caso isolado nesse âmbito, é o mais trágico – acaba morrendo carbonizada:

- Houve uma confusão doida. Uma cabeça desgrenhada, apavorada, apareceu na porta do 21.
- Socorro!
- Corri, com os outros, para lá. As pessoas se atropelavam na porta. E eu ouvi, ouvi distintamente, a voz de Odette, num grito fino, intraduzível, de terror e de sofrimento. Um uivo.
- Meu sangue paralisou num arrepio gelado. E, de repente, nem sei como, uma visão –nunca mais a esquecerei – de loucura apareceu na porta. Uma fogueira ambulante. Odette ardia. Ela corria como uma louca, gritando, uivando, gemendo. Uma fogueira. O vestido desaparecia em fagulhas. Os cabelos eram uma longa chama ondeante. E Odette vivia e gritava e uivava. (MARTINS, 2015, p. 167-168).

Quanto ao nosso personagem Paulo, que outrora gastava o dinheiro destinado à faculdade com mulheres, tem um destino próspero: “Deixei de ir ao Mangue. Passei anos lutando. Larguei o jornal. Envelheci. Ganhei experiência. Arranjei, afinal, um bom emprego. Trabalhei para outros jornais, em boas condições. Prosperei.” (MARTINS, 2015, p. 171). Não abandona o mundo da prostituição, apesar de que com o avançar da idade, passa a ter o ato como meio de saciar unicamente seus desejos animais. Não mais se interessa pelo que está por trás de cada mulher:

E eu não e esqueci da prostituição. Se me permitem a vaidade, direi que fui mais amado do que amei. Sofri com isso. Eu continuava a mesma busca ansiosa de plenitude que Lia não soubera me dar e mulher nenhuma me deu. [...] A prostituição tinha me estragado. Eu via em tudo apenas o ato animal, como um sacrifício ritual; o resto era detalhe. E, se as mulheres inteligentes me agradavam antes da cópula pelo prazer intelectual que me proporcionavam, eram depois tão inúteis como as outras. Inúteis, esse é o termo. Nem desagradáveis nem repulsivas: inúteis. (MARTINS, 2015, p. 172).

Enquanto as personagens prostitutas tiveram finais trágicos, ao nosso personagem Paulo nos é apresentado um final próspero, o que mais uma vez nos faz refletir a diferença existente entre homens e mulheres no que diz respeito à sexualidade. Paulo passa a representar o homem que, quando jovem, era frequentador assíduo de lupanares, e quando adulto, torna-se respeitável e exemplar. Essa representação de Paulo é própria de uma sociedade moralista e machista, onde ao homem são atribuídos a prosperidade e o sucesso, mesmo que estes homens possuíssem uma vida de devassidão. Ao contrário das mulheres, principalmente as prostitutas, que deveriam sempre estar às margens, onde o sucesso era tido como inalcançável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Lapa* (1936), do romancista Luís Martins, aborda diversos apontamentos no que diz respeito à prática da prostituição no Rio de Janeiro, em uma época em que se reinavam regras moralistas, assim como as motivações para que as personagens adentrassem no meretrício.

No decorrer do trabalho, observamos que as personagens são transgressoras, por irem de encontro às regras morais ditadas na época, o que culminou diretamente na prostituição das personagens. A única exceção presente é a da personagem Lili, que não se torna prostituta, apesar de suas atitudes regidas pela libertinagem, mas parece ter “nascido”

para pecar.

Ao longo deste trabalho, é refutada a ideia já enraizada no imaginário popular da prostituição como sinônimo de “vida fácil”, como foi observado na obra analisada, onde muitas personagens se deparam com diversas situações adversas, e muitas delas trágicas, seja na iniciação delas nesse meio, como na própria permanência das mesmas nesse âmbito. Outro ponto refutado diz respeito à ideia que se tem do meretrício como meio de adquirir lucros exorbitantes por meio da venda de seus corpos das personagens presentes na obra *Lapa*, essa é uma imagem romantizada do ofício, pois as prostitutas mal conseguem se estabelecer financeiramente, salvo poucas exceções, que no romance é representado pela personagem Giselle, que de prostituta torna-se dona de bordel.

Em linhas gerais, a partir da construção das personagens prostitutas e do discurso sobre a prostituição em *Lapa*, de Luís Martins, percebemos que nem sempre a penúria é a principal motivação para a entrada na prostituição, assim como viver do próprio corpo não pode ser tomado como sinônimo de “vida fácil”, como nos faz crer certos discursos do senso comum.

Por fim, o exercício da prostituição serve-nos como objeto de reflexão sobre as hipocrisias de uma sociedade que execra as prostitutas, mas que, por outro lado, não consegue viver sem o consumo dos corpos das prostitutas e de tudo o mais que se vincula ao universo da prostituição. Se esta ainda perdura, é porque há demandas que lhe garante a existência.

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

Dicionário crítico de gênero. Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, (org.) . 2.ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

FERRAÇA, Mirielly. **De Más A Boazinhas: As Portas De Saída Da Prostituição**. v. 22, n.1 2015. Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/24>>. Acesso em 30 deabr. de 2021.

FERRO, Eula Pereira. **Prostituição e romance**. Goiânia: UCG, 1997.
MARTINS, Luís. **Lapa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

_____. **Noturnos da Lapa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MORAES, E. R. **Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária**. *Teresa*, [S. l.], n. 15, p. 165-178, 2014. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98606>>
Acesso em: 30 de abr. de 2021

PERES, M. C. T. DE S.. A vivência da gravidez e da maternidade de prostitutas.
Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 10, n. 1, 24 nov. 2020. Disponível em:
<<https://doi.org/10.35919/rbsh.v10i1.691>> Acesso em 30 de abr. de 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea.
São Paulo: Contexto, 2007.

PROSTITUTA. In Michaelis. **Etimologia de prostituta**. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=prostituta>> Acesso em 15 de mar.2021.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: a prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. 2ª edição São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SOARES, Luiz Carlos. **Rameiras, ilhoas e polacas... A prostituição no Rio de Janeiro doséculo XIX**. São Paulo: Ática, 1992.

URBIM, Luciana Pastore. **Um olhar flâneur sobre a cidade literária “Satolep”**. 2011.
Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/60.pdf>> Acesso em: 7 de abr. de 2021.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. **Epitáfio para Luísa e Irene: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro**. 2016. p. 198. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, centro de Educação. Campina Grande, 2016.